

O espaço do outro: errância e exílio em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum

The space of others: errance and exile in Two brothers, by Milton Hatoum

Alex Bruno da Silva¹

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.
Universidade Estadual de Goiás. Goiânia, GO, Brasil.


Flávio Pereira Camargo²

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO, Brasil

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Docente da Universidade Estadual de Goiás.

 <http://orcid.org/0000-0001-6130-8592>
E-mail: alexprofessor100@gmail.com

² Doutor e Mestre em Letras e Linguística (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Goiás. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

 <http://orcid.org/0000-0001-9116-2432>
E-mail: camargolitera@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo geral analisar a configuração do espaço no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Para tanto, será investigado, principalmente, o modo como a errância e o exílio, vividos pelas personagens, relacionam-se à configuração do espaço na narrativa. A metodologia contempla os estudos teórico-críticos formulados por Certeau (2014), Bhabha (2013), Maffesoli (2001), Said (2003), dentre outros. Os resultados de análise apontam para uma problematização a respeito da relação entre o sujeito e o espaço construído socialmente por aqueles que, em busca de uma identidade, são afetados pela sensação de não-pertencimento. Por essa perspectiva, portanto, o romance de Hatoum evidencia o espaço do exilado e do imigrante para pensar o sentido de identidade em tempos contemporâneos.

Palavras-chave: Espaço; Trânsito; Identidade; Narrativa brasileira contemporânea.

ABSTRACT: This article aims to analyze the configuration of space in Milton Hatoum's novel *Two Brothers*. In order to do so, it will be investigated, mainly, the way in which the wandering and the exile, lived by the personages, are related to the configuration of the space in the narrative. The methodology contemplates the theoretical-critical studies formulated by Certeau (2014), Bhabha (2013), Maffesoli (2001), Said (2003), among others. The results of analysis point to a problematization about the relationship between the subject and the socially constructed space by those who, in search of an identity, are affected by the feeling of non-belonging. From this perspective, therefore, Hatoum's novel evidences the space of the exile and the immigrant to think the sense of identity in contemporary times.

Keywords: Space; Transit; Identity; Contemporary Brazilian narrative.

Alguém se faz viajante (*Reisender*), se faz andarilho (*Wanderer*)
quando não se está em parte alguma no seu lugar (*heimisch*).
(Friedrich Nietzsche)

1 Considerações iniciais

O escritor contemporâneo Milton Hatoum publicou, em 2000, o romance *Dois irmãos*, traduzido para vários países como: França, Líbano, Alemanha, Itália, entre outros. Trata-se de um romance que encena a multiplicidade cultural da cidade de Manaus, espaço amazônico que agrega imigrantes libaneses misturados aos nativos da região, a outros imigrantes e exilados dentro da própria terra. Em *Dois irmãos* o narrador é Nael, o filho da empregada Domingas que mora no quarto dos fundos. Utilizando os recursos da memória, Nael reconstrói a trajetória da família libanesa. Halim e Zana ganham destaque na história, pois ambos, imigrantes libaneses, casam-se e constituem família em terras amazonenses. O eixo central da narrativa é marcado pela tensa relação entre os filhos gêmeos Yaqub e Omar, que em uma teia discursiva embaralhada são lembrados pelo narrador na busca de encontrar sua origem.

Omar e Yaqub, de personalidades antagônicas, travam, no decorrer da narrativa, encontros e desencontros que contribuem para a tessitura dos fatos narrados e a derrocada da casa de Halim e Zana. No núcleo da família há, também, Rânia, irmã de Yaqub e Omar. A história dos dilemas dessa família, estremecida em suas relações interpessoais, são marcas fortes no romance de Hatoum, no qual o leitor mergulha de forma intensa acompanhando o sofrimento do narrador na tentativa de entender sua história.

Sob a imagem da casa em ruínas, o narrador Nael observa a vida da família libanesa e se vê à margem dessa família por viver fora dos limites da casa. Marginalidade que é desdobrada em dois níveis: espacial, porque fora da casa, e social, porque ocupante do não-lugar, do mestiço. Reviver o espaço da casa dessa família evoca significados para além dos aspectos

físico-geográficos. Isso diz respeito à tentativa de compor a subjetividade da personagem que tenta explicar-se no mundo.

No projeto literário de Hatoum, existem outros romances em que essa mediação de múltiplas culturas, convivendo em um mesmo espaço, funciona como mote para representar a construção identitária de personagens que buscam um lugar no mundo. Nos romances *Relato de um certo oriente* (1989) e *Cinzas do Norte* (2005), por exemplo, as longas viagens das personagens também revelam questões em torno da busca pela identidade, cujo sentimento de pertencimento aparece de forma problemática nas vozes de narradores marcados pela experiência da dor e do trauma. Esses espaços de identidade – a cidade de Manaus, a casa habitada ou o trânsito recorrente por outros espaços – possibilitam refletir sobre o hibridismo cultural e a relação de instabilidade entre o sujeito e os locais percorridos.

Dessa perspectiva, o espaço, em Hatoum, movimenta certas linhas de força que sintonizam algumas tendências cultuadas na literatura contemporânea, quais sejam: a experiência do viajante por entre-lugares e contextos culturais; o olhar para identidades instáveis, nas vozes de narradores com experiências fraturadas; a errância e o exílio que colocam em evidência a origem e o destino, a partida e a chegada; bem como a experiência fragmentada da memória que embaralha o tempo e reconstitui os lugares do passado.

Considerando essas questões, propomos, nesse artigo, fazer algumas reflexões sobre o romance *Dois irmãos* a partir da representação do espaço pela prática errante ou pela experiência do exílio, em que o trânsito e a relação de exclusão perpassam as identidades fragmentadas das personagens. O estudo relacionado ao espaço e às viagens aponta para o descobrimento do outro e a inexistência de uma identidade, entendida como totalidade e única.

2 Concepções espaciais: lugares, sujeitos e experiências

O espaço desempenha um papel fundamental para os sentidos gerados pela obra literária. Para Osman Lins (1976, p.69), em seu livro *Lima Barreto e o espaço romanesco*, o espaço torna-se o elemento organizador do enredo, podendo ocupar uma posição análoga à do tempo, à da personagem ou do foco narrativo – “tudo na ficção sugere a existência do espaço”. A categoria espacial, na visão de Lins, enquadra a personagem revelando seu modo de ser, indicando sua posição social em determinadas áreas geográficas. Diante de tal assertiva, é possível observar como o espaço se constitui no texto ficcional para evidenciar a personagem. Em *Dois irmãos*, o espaço constitui sujeitos em trânsito que revelam identidades instáveis em contextos culturais híbridos, de modo que o que se tem é uma recomposição de histórias individuais entrelaçadas aos espaços do passado.

Para Oziris Borges Filho (2007, p.17), no livro *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*, cada ser “percebe diferentemente o mesmo espaço”. A variação de percepção revela a formação cultural e os diferentes valores sociais do sujeito que focaliza o espaço. Com o objetivo de sistematizar o estudo do espaço na obra literária, por meio do conceito de topoanálise¹, Borges Filho (2007) compreende o espaço como um conceito amplo que sugere a ideia de experiência, vivência, ambiente, natureza e cenário, colocando em foco a subjetividade do perceptor.

¹ O conceito do termo “topoanálise”, resgatado por Borges Filho (2007), é advindo dos estudos fenomenológicos de Gaston Bachelard, em sua *Poética do espaço*, publicada pela primeira vez em 1957. O termo “topoanálise”, na visão de Bachelard, é o estudo psicológico dos locais da vida íntima. Para desenvolver esse estudo, Bachelard analisou diferentes espaços, como: a casa, o porão, o sótão, a cabana, entre outros. Borges Filho (2007) retoma o termo em questão e propõe uma ampliação de sentido e, assim, “topoanálise” passa a ser compreendido para além de um estudo apenas psicológico, um estudo com inferências sociológicas, filosóficas e estruturais para uma interpretação do espaço na obra literária.

Já para Michel de Certeau (2014), em “Relatos do espaço”, a interação entre sujeito e espaço provoca sensações no sujeito que o percebe de acordo com sua experiência, pois o espaço é o lugar praticado onde pessoas transitam. Em outros termos, podemos entender como espaço a prática do lugar, ou seja, como os sujeitos o transformam a partir das suas vivências:

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaços pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 2014, p.184, grifo do autor).

Para diferenciar espaço e lugar, Certeau (2014) compara-os ao processo linguístico da enunciação. Nesse caso, o espaço estaria para o lugar como a palavra quando fala, no instante em que ela é percebida no ato de um tempo verbal. Nesses termos, a apropriação do espaço mobiliza diversos sentidos, visto que cada enunciação é única, os diferentes percursos praticados se tornam, também, únicos.

É interessante notar que, na definição postulada por Certeau (2014), o “espaço geométrico” seria o lugar e o “espaço antropológico” seria onde ocorre interação humana. Esse espaço, dito antropológico, possibilita a relação com o mundo e com outros praticantes do mesmo espaço, produzindo, portanto, subjetividades errantes, identidades em trânsito. O sentido do trânsito, atribuído aos espaços de múltiplas relações humanas, aparece em *Dois irmãos* no núcleo identitário da família libanesa na cidade de Manaus e na própria voz narrativa que se posiciona em um entre-lugar.

Segundo Marc Augé (1994, p.52), em *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, os lugares podem ser definidos, levando-se em consideração três fatores: “Eles se pretendem (pretendem-nos) identitários, relacionais e históricos”. Ao tratar do lugar identitário, o antropólogo francês enfatiza o sentimento de pertencimento – o lugar de

origem que constitui uma identidade individual. A segunda característica (lugar relacional) assemelha-se à concepção de Certeau, na qual a ordem entre os elementos é partilhada em relação de coexistência. Por fim, o lugar é histórico porque associa identidade e relação, estabelecendo uma estabilidade mínima – é o lugar que os antepassados construíram que é “preciso saber conjurar ou interpretar” (AUGÉ, 1994, p.53).

Dessa forma, o que Marc Augé (1994) aponta como não-lugares seria o oposto dessa concepção de lugar identitário, relacional e histórico. Ao definir a supermodernidade como produtora de não-lugares, Augé (1994) aponta a ideia de espaços que servem apenas como ocupações provisórias, tais como as ferrovias, as rodoviárias, os hotéis, os meios de transporte, os aeroportos, entre outros. Esses espaços, conforme o autor aponta, não criam uma identidade particular, e muito menos, uma relação social. Os não-lugares criam, na verdade, uma espécie de solidão ocasionada por um rompimento de estabilidade com o espaço. No romance *Dois irmãos*, o lugar pode ser compreendido como relacional e histórico, pois além de Zana e Halim constituírem família e casa em terras alheias, a narrativa resgata a memória histórica da cidade de Manaus com seus sonhos de modernidade, que se esfacelam juntamente com a vida das personagens.

As expressões do trânsito, da solidão e da errância que, segundo Augé, são ocasionadas pelos não-lugares poderão ser observadas, no romance de Hatoum, na composição das identidades fragmentadas do narrador e dos imigrantes; no exílio de Yaqub que é obrigado a deixar a terra natal e viajar para o Líbano, perdendo o contato com os laços afetivos e culturais; na errância de Halim ao se ausentar constantemente da casa para perambular pelas ruas de Manaus e pelo rio – metáfora de um lugar em trânsito – envolvido pela solidão e a saudade da terra de origem.

Ao refletir sobre o espaço, associando a imagem do trânsito à ideia do entre-lugar e da margem, busca-se dialogar com as noções de reterritorialização, alteridade, fronteiras e hibridismo cultural. Homi K. Bhabha (2013, p.19), em *O local da cultura*, afirma que o sujeito contemporâneo esbarra com a sensação de viver entre fronteiras, “em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. A partir dessa sensação de desorientação que coloca a questão da cultura em uma distância espacial, Bhabha (2013) problematiza sobre a construção e a desconstrução da identidade do outro através dos Estudos Pós-coloniais. O colonizado, para o autor, sempre é apresentado pelo discurso do colonizador, por isso o outro (o colonizado) não mais se identifica com sua própria cultura e não consegue se tornar igual ao colonizador, pois ele possui elementos culturais das duas culturas.

Essas diferenças culturais configuram em um entre-lugar, um espaço de fronteira que, por sua vez, aponta para as pluralidades na constituição do sujeito. O espaço fronteiriço seria o constante trânsito que possibilita o contato, a troca e a mistura de culturas. A fronteira constitui-se em encerramento de um espaço para a construção simbólica da identidade, definida, dessa maneira, pela diferença e alteridade na relação com o outro. Os espaços geográficos, em *Dois irmãos*, configuram-se como uma simbologia do trânsito de sujeitos que podem mover-se no plano cultural e social.

Após estas reflexões, pode-se afirmar que o espaço é construído pela percepção e prática dos sujeitos que o ocupam e lhe atribuem significado. O espaço literário, mais do que apenas um cenário em que as personagens são descritas, funciona como componente subjetivo que revela aspectos sociais, culturais e históricos das personagens, além de evidenciar múltiplos sentidos na constituição da narrativa.

3 Errância e exílio: identidades em trânsito

A experiência do viajante é atravessada pelo sentimento ambivalente de ir e voltar, sendo o espaço o elemento simbólico que articula os sentidos da errância e do exílio e, também, possibilita refletir sobre as identidades em constante contato com múltiplas culturas. A identidade não se refere somente a um espaço, mas se relaciona ao deslocamento e à relocação.

Nesse sentido, é importante refletir sobre a concepção de identidade com base nas proposições de Stuart Hall (2011) que, a partir da perspectiva dos estudos culturais, entende a identidade como um processo em movimento contínuo, no qual a base é sempre a relação de alteridade, ou seja, o sujeito é moldado diante do outro, por isso em contextos de globalização

as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído (HALL, 2011, p.110, grifo do autor).

Acrescentam-se a essa concepção de identidade, as contribuições de Néstor Garcia Canclini (2006), em *Consumidores e cidadãos*, que também entende a identidade a partir do contato com outras culturas, ideologias e produções culturais. Sendo assim, o autor afirma que o mundo globalizado interfere na construção das identidades na medida em que a dissolução das fronteiras resulta no constante trânsito dos diferentes sujeitos. Portanto, atualmente a identidade é entendida como “poliglota, multi-étnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (CANCLINI, 2006, p. 131), algo que pode ser observado em *Dois irmãos* a partir da representação da

família libanesa em contato com a cultura manauara; o imigrante reflete essa imagem da hibridização das identidades.

Stefania Chiarelli (2007, p. 31), ao refletir sobre a representação do imigrante nas obras de Milton Hatoum, afirma que “ao tratar da figura do imigrante, o conceito de identificações se torna vital uma vez que, nesta condição, o indivíduo encontra-se permanentemente a meio caminho entre duas referências: a da terra de origem e a da terra de destino”. Nesse sentido, a experiência da viagem não significa um movimento que se realiza entre um ponto de partida e outro da chegada, uma vez que se trata de partir para nunca chegar. Não há aonde chegar e, por isso, a viagem confunde-se com o exílio.

A figura do imigrante, do migrante e do exilado está associada a alguma perda – a pátria, a identidade, a língua, os valores culturais ou as relações sociais –, mesmo que temporariamente. É em decorrência dessa condição de exílio que o romance *Dois irmãos* se constitui, seja na figura da família libanesa em terras amazonenses, seja na figura do mestiço Nael exilado em sua busca existencial. Edward Said (2003), em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, afirma que os exilados sentem na alma a angústia de ser apartado de sua cultura, com valores identitários definidos. Nesse sentido, o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46).

Logo no início da narrativa, tais questões evidenciam-se na figura de Yaqub, um dos gêmeos, que na infância é obrigado a sair de Manaus e ir para o Líbano, lugar de origem dos seus pais. Após cinco anos vivendo no sul do Líbano, Yaqub retorna à terra natal e no caminho do aeroporto para casa – “reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha” (HATOUM, 2000, p. 16-17).

A experiência da viagem para o Líbano impõe uma fratura incurável na vida de Yaqub. A perda das relações de pertencimento vem pautada, sobretudo, pela perda das relações familiares e afetivas com o espaço da cidade de origem. A dor de viver o tempo da infância e adolescência, longe de Manaus, faz com que Yaqub se torne um jovem calado, triste e calculista. O exílio, além de causar o afastamento da terra natal, suspende a participação de Yaqub de toda uma rede de relação cultural e familiar.

A lembrança e o esquecimento se cruzam na memória de Yaqub e ganham vida no romance pela voz de Nael. Yaqub se aproxima da casa onde viveu na infância e, mesmo não querendo lembrar o dia da partida para o Líbano, tudo vem à tona, juntamente, com “o cheiro da rua da infância, dos quintais, da umidade amazônica, a visão dos vizinhos debruçados nas janelas e a mãe acariciando-lhe a nuca, a voz dócil dizendo-lhe: Chegamos querido, a nossa casa” (HATOUM, 2000, p.20).

O espaço, como componente subjetivo, revela o desenraizamento do gêmeo mais velho e a lacuna impressa em sua alma ao olhar a rua da infância e a casa onde nasceu. Essas imagens do espaço, resgatadas com o retorno à Manaus, provocam a dor dos anos que ele não viveu ao lado da família em meio aos igarapés de Manaus: “Yaqub demorou no quintal, depois visitou cada aposento, reconheceu os móveis e objetos, se emocionou ao entrar sozinho no quarto onde dormira” (HATOUM, 2000, p.21). Nesse sentido, o exílio configura-se como uma espécie de luto, pois ao reviver a casa e a cidade de origem, Yaqub vive o drama da identidade perdida e sente a dor dos laços familiares que foram esquecidos no tempo.

Se para Said (2003) o exílio representa a perda de algo deixado para trás para sempre, o sujeito que se encontra nessa situação se vê impedido de conviver com sua família, sua terra, seus amigos e sua cultura. Nesse caso, o exílio “é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar

com os outros na habitação comunal” (SAID, 2003, p.50). Por isso, Yaqub sofre um tipo de punição causada pela rivalidade entre ele e o irmão e é obrigado a viver longe de suas raízes. O tempo vivido fora do grupo familiar torna-o um sujeito solitário e silencioso, tendo que se reencontrar com a língua materna e a cultura manauara:

Ali, trancado no quarto, ele varava noites estudando a gramática portuguesa; repetia mil vezes as palavras mal pronunciadas: atonito, em vez de atônito. A acentuação tônica... um drama e tanto para Yaqub. Mas ele foi aprendendo, soletrando, cantando, as palavras, até que os sons dos nossos peixes, plantas e frutas, todo esse tupi esquecido não embolava mais na sua boca. Mesmo assim, nunca foi tagarela. Era o mais silencioso da casa e da rua, reticente ao extremo (HATOUM, 2000, p.31).

O distanciamento forçado da família provoca em Yaqub o sentimento da solidão, tendo que buscar no estudo sua liberdade e novas perspectivas de inserção na vida social. Maria José de Queiroz (1998, p.57), em *Os males da ausência ou a literatura do exílio*, também aponta a solidão como consequência do exílio: “Dos males de que se queixa, e que reaparecem com frequência nos escritos dos exilados, é a solidão o que mais o acabrunha”. Ao se deparar longe de casa, da língua e dos laços familiares, o exilado aprende a conviver com essa sensação de estar sempre solitário.

O imigrante Halim, pai dos gêmeos, é também marcado pela expressão de exílio, pois o narrador ouvia as várias histórias do Líbano nas conversas com Halim, sendo que tais lembranças funcionavam como forma de reconstrução da terra natal e do sentimento de pertencer a um lugar do mundo. Halim contava sobre a chegada em Manaus, o trabalho como negociante, a paixão por Zana e os poemas em árabe, que recitava para a mulher no início do namoro. Compartilhar essas experiências é fruto da condição de estar sempre em trânsito:

‘O oceano, a travessia... Como tudo era tão distante!’, lamentou Halim. ‘Quando alguém morria no outro lado do mundo, era como se desaparecesse numa guerra, num naufrágio. Nossos olhos não contemplavam o morto, não havia nenhum ritual. Nada. Só um telegrama, uma carta... A minha maior falha foi ter mandado o Yaqub sozinho para a aldeia dos meus parentes’, disse com uma voz sussurrante. Mas Zana quis assim... ela decidiu’ (HATOUM, 2000, p.57).

Nesta passagem, Halim transmite a Nael a dor de estar longe da pátria. As palavras melancólicas expressam as fronteiras existentes na vida do sujeito exilado. A relação do sujeito com o espaço não é vazia, a partir do deslocamento o tema da fronteira pressupõe multiplicidade cultural que direciona a construção das identidades. O espaço fronteiriço funciona como o local em que indivíduos articulam as diferenças culturais. Retomando as ideias de Bhabha (2013), a noção de fronteira se constrói a partir da alteridade. Em outras palavras, esses entre-lugares suscitam fluxos e conflitos no processo de redefinição das identidades dos sujeitos em trânsito. O deslocamento espacial do imigrante, introduz “um retorno à encenação da identidade como iteração, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteiriça da migração” (BHABHA, 2013, p. 31).

A vida do imigrante é naturalmente marcada pelo trânsito. Halim e Zana, imigrantes libaneses, mesmo estabelecendo raízes em Manaus, vivem no cotidiano a articulação cultural e social da comunidade fronteiriça. A família incorpora alguns valores e práticas da cultura local, mas suas origens estão imbricadas no espaço da casa, nas mobílias e nas lembranças que carregam na memória.

Para a pesquisadora Marli Fantini (2007), no ensaio “Hatoum e Rosa: mesclas e outras misturas”, as fronteiras – espaços de migração – oferecem a imagem de novas formas de relações identitárias. Nesse sentido, o espaço da cidade de Manaus, na narrativa, trata-se de um “espaço discursivo mo-

vendo-se entre diferentes línguas, culturas, tradições e águas capturado pela ótica nômade de Hatoum” (FANTINI, 2007, p. 143). A memória de Nael é o fator que mantém vivo esse espaço de fronteira simbólica, permitindo que as memórias alheias se manifestem por meio de seu relato. Com isso, a cultura libanesa e as histórias do passado aparecem no discurso narrativo por meio das lembranças do velho Halim. O patriarca da família conta para Nael sobre os tempos de imigração:

Ele [Halim] padeceu. Ele e muitos imigrantes que chegaram com a roupa do corpo. Mas acreditava, bêbado de idealismo, no amor excessivo, extático, com suas metáforas lunares. Um romântico tardio, um tanto deslocado ou anacrônico, alheio às aparências poderosas que o ouro e o roubo propiciam. Talvez pudesse ter sido poeta, um flâneur da província; não passou de um modesto negociante possuído de fervor passional. Assim viveu, assim o encontrei tantas vezes, pitando o bico do narguilé, pronto para revelar passagens de sua vida que nunca contaria aos filhos (HATOUM, 2000, p. 52).

Nael relembra várias histórias que ouvia de Halim, histórias de amor, saudades, lendas do Amazonas e lembranças do tempo de guerra. Essas narrativas orais voltam na memória do narrador e ajudam a preencher as lacunas do tempo, portanto, a viagem pelo passado traz à tona um mosaico de histórias que se cruzam, formando a identidade da família libanesa e revelando o espaço de fronteira cultural.

Há que se sublinhar que a memória, nesse sentido, vai além do plano individual. O discurso do narrador é perpassado pelo coletivo, pois se misturam lembranças individuais vividas por Nael e lembranças pertencentes a membros da família libanesa. A ação da memória é duplamente marcada pelo individual e pelo coletivo e, por vezes, essa junção possibilita o entendimento sobre a cultura do imigrante, juntamente com a cultura manauara. Aspectos das próprias vivências dos imigrantes aparecem no discurso do narrador:

O Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas. Comiam, bebiam, fumavam e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta (HATOUM, 2000, 47-48).

Aqui a mistura de culturas possibilita acentuar as particularidades da identidade individual da família libanesa e a identidade coletiva, fruto da junção entre o imigrante libanês e os nativos de Manaus. Para a crítica Stefania Chiarelli (2007, p.62), “o leitor vai se deparar justamente com a ideia da mistura dos libaneses com a população local”, visto que a representação das identidades em trânsito possibilita uma reflexão sobre a noção de reterritorialização. Segundo Ana Lúcia Silva Paranhos (2010, p.151), a reterritorialização é o movimento que se consiste em refazer o território, “diferente daquele do território que se deixou”. Nesse sentido, o espaço do restaurante Biblos e a casa da família libanesa configuram-se como novos territórios que representam uma relação diferente da terra natal, pois há o hibridismo cultural influenciando nas novas práticas culturais e sociais. O imigrante deixa de ser o outro quando passa a fixar raízes e a compor o território local juntamente com os nativos, formando, então, o espaço fronteiriço.

A convivência com o espaço do rio e com toda a cidade de Manaus faz com que a família libanesa crie uma identidade cultural nessa região, nascendo, assim, um jeito próprio de viver. As comidas, os valores e as tradições árabes se misturam, formando uma nova identidade culinária para a família: “No Mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um

matrinxã, recheava-o com farofa e azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim” (HATOUM, 2000, p.47).

O processo de entrecruzamento de culturas desenvolve-se, portanto, na textura de vidas em trânsito. A errância do dentro-fora de subjetividades marcadas pela viagem, o exílio e a busca da identidade, aponta para um movimento dinâmico de reconstrução de histórias por meio da memória. O conceito de errância aproxima-se das figurações da migração e da deriva, revelando um processo de reconstrução do eu à experiência do outro, da diversidade cultural.

Michel Maffesoli (2001, p.29), em *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, afirma que é característico dos tempos pós-modernos a redescoberta da errância como resposta contra o compromisso de residência que prevaleceu durante toda a modernidade. A partir desse pressuposto, a pulsão pela errância “pode ser compreendida como a modulação contemporânea desse desejo do outro lugar que, regularmente, invade as massas e os indivíduos”.

Essa ideia de Maffesoli (2001), para a pulsão pela errância, está relacionada ao nomadismo no sentido de desenraizamento, de sensação de não-pertencimento a lugar algum, algo próximo de Omar, que perambula por um tempo pelo interior do Amazonas:

Na vida de Omar aconteciam lances incríveis, ou ele os deixava acontecer, como quem recebe de mão cheia um lance de aventura. E não há seres assim? Pessoas que nem carecem buscar o lado fantasioso da vida, apenas se deixam conduzir pelo acaso, pelo inusitado que assoma nas ventas (HATOUM, 2000, p.111).

Maffesoli também traça um percurso histórico-cultural do nomadismo, enfatizando que a errância e o nomadismo estão inscritos na própria estrutura da natureza humana. É por esse motivo, que o viajante, tanto de um ponto de vista individual quanto de um ponto de vista social, apresenta o

desejo da evasão, pois “a necessária dispersão, a errância, a fuga são marcas psicológicas profundas em nossa estrutura mental” (2001, p. 39).

O pai de Zana, o imigrante Galib, representa, também, o olhar errante desse sujeito que está intimamente ligado às experiências de deslocamentos. Ele sonhava em voltar para a terra natal depois de casar a filha com Halim: “Para lá voltou, reencontrou partes dispersas do clã, os que permaneceram, os que renunciaram a aventurar-se em busca de um outro lar” (HATOUM, 2000, p.55). Galib morreu longe da filha Zana, que constantemente conviveu com a dor da separação e da destruição do lar, pois, como já foi abordado anteriormente, além da morte do pai no Líbano, Zana acompanhou, continuamente, a briga entre seus filhos e a degradação de sua casa.

Halim também representa a imagem do indivíduo errante, pois ao ver sua mulher alimentar um amor excessivo por Omar, o filho caçula, ele passa a se ausentar de casa com frequência e, dessa forma, procura na cidade flutuante um sentido de pertencimento. O espaço da casa, nesse contexto, passa a não representar o lar e, assim, as ruas, os comércios, o rio e os becos de Manaus passam a ser rotina constante; a errância de Halim simboliza uma busca pelas lembranças da terra natal e uma identidade perdida nas águas do rio que cortam a cidade: “Assim eu via o velho Halim: um náufrago agarrado a um tronco, longe das margens do rio, arrastado pela correnteza para o remanso do fim” (HATOUM, 2000, p. 183).

Entre a errância e o espaço habitado, a relação de Halim com a cidade e o rio configura-se como representação do tempo, da busca da terra natal. O rio – lugar de águas transitórias – pode ser lido como a imagem da vida que se perdeu e, que agora, a memória procura reviver. Os constantes deslocamentos de Halim, perambulando pela cidade e contemplando o rio, evidenciam um desejo de evasão, uma fuga para lugar nenhum:

Sozinho, ele se mandava por aí, capengando com a bengala sob o sol quente. Não perdera o senso de direção, era capaz de apontar um barraco e nomear o compadre que ali morava, de caminhar às cegas por áreas mais distantes: o Boulevard Amazonas, a praça Chile, o cemitério, o reservatório dos Ingleses. Quando não o encontrava sentado na cadeira de palha da sobreloja, eu seguia seus rastros de bar em bar, contornando toda a orla do rio. Minha busca tardava horas; na verdade, *ele não se escondia, apenas caminhava, solto errante, desencantado, um balão que murcha antes de tocar as nuvens* (HATOUM, 2000, p.210, grifos nossos).

No excerto acima, Halim vagueia pelas ruas e, enquanto se desloca, o narrador nos coloca diante da sua subjetividade. Errância, solidão e exílio se mesclam para constituir essa identidade em processo. Dessa forma, o espaço possibilita a viagem mental à terra natal e aos laços desfeitos, que precisam ser reativados pela memória. Retomando a discussão de Certeau (2014), observamos que o desenraizamento espacial está relacionado ao processo de identidade e da ausência de pertencer a um lugar, pois segundo o autor:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhada), [...] um universo de locações frequentadas por um não lugar ou por lugares sonhados (CERTEAU, 2014, p.170).

As caminhadas de Halim representam uma forma de romper com o presente na busca pela vida pregressa. A cidade proporciona essa tentativa de encontrar a si mesmo, pois ao caminhar solitário pelas ruas e becos, o sentimento de solidão refere-se a uma busca de integração do eu. A condição de desenraizado deixa transparecer as dimensões físicas da errância, não existe porto para o imigrante que, mesmo na tentativa de enraizar-se, depara-se vivendo em um entre-lugar.

A coincidência entre o estado da cidade e o estado de espírito de Halim chama atenção para o processo de ruína do espaço e da personagem. O imigrante Halim, melancólico e solitário, apresenta um olhar pessimista em relação à vida e ao mundo. Sua reação para as sucessivas decepções e para o sentimento de não pertencimento é a errância, provocada pela desilusão e pela impermanência das coisas e de seus laços afetivos.

A partir do instante em que Halim não consegue restabelecer os laços familiares e observa sua casa desmoronar, seu destino é a errância. O sentido da viagem passa, novamente, a constituir suas lembranças e essa condição de ser um eterno viajante é a própria condição de uma possível realização de si, já que “o viajante é testemunha de um mundo paralelo, no qual o sentimento, sob suas diversas expressões, é vagabundo, e no qual a anomia tem força de lei” (MAFFESOLI, 2001, p.43).

Interessa-nos observar, a partir dessa reflexão, que o desejo errante também se configura como um comportamento anômico. De acordo com Robert M. Merton (1970, p.237), a anomia significa “o estado de espírito de alguém que foi arrancado de suas raízes morais, que perdeu o senso de continuidade, de grupo” e que, além disso, perdeu o senso de coesão social, tornando-se um isolado da sociedade.

Para Merton (1970), ocorre sempre um tipo de adaptação do homem inserido em um contexto cultural. Dos cinco modos de adaptação descritos pelo autor, é pertinente trazer para essa discussão o “retraimento”, porque o sujeito errante pertence a esta categoria.

O errante, visto dentro dessa categorização, está inserido na sociedade, mas não é da sociedade, por isso esse sujeito é socialmente estranho, um ser que perdeu a sensação de pertencimento. Assim, o padrão de retraimento “consiste no abandono substancial tanto das metas culturais anteriormente estimadas, como das práticas institucionalizadas dirigidas a tais metas” (MERTON, 1970, p.163). Característica essa que pode ser observada no

comportamento de Halim que, não conseguindo se reintegrar à família, passa a caminhar solitário nas ruas de Manaus como forma de reação ao conjunto de valores sociais que representa o lar, a casa ou a família. Por isso, a errância de Halim está mais no sentido de uma fuga melancólica de um lar desintegrado.

Já o narrador Nael, sem a certeza de quem era seu pai, representa um exilado no tempo e no espaço. O exílio do narrador se dá pela perda do reconhecimento paterno e, também, pela condição social: mestiço, marginalizado no espaço da casa, é o filho da empregada. O encontro com suas origens, sem resolução no fim do relato, só é possível pelos percursos da memória, que se concretiza no ato da escrita, no registro de imagens, lembranças e invenções:

Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. E o tempo, que nos faz esquecer, também é cúmplice delas (HATOUM, 2000, p.244).

Nael esmera-se na tentativa de escrever suas memórias e traduzir o espaço de culturas híbridas e temporalidades fragmentadas. À medida que se insere na narrativa como um desenraizado e sem identidade definida, esse narrador adensa a imagem do espaço fronteiro e coloca o leitor diante de um relato em que essas fronteiras simbólicas lhe impedem de assumir a posição de filho da casa. Isso endossa a afirmativa de Luiz Costa Lima (2002, p.322), que define o romance *Dois irmãos* como sendo “um mundo flutuante, assediado tanto pela razão calculadora como pelos afetos desenfreados”.

O final da narrativa expõe a condição errante do imigrante e do mestiço e as fraturas do exílio espacial e existencial. Esses elementos somam-se à representação dos espaços narrativos, que determinam o constante

trânsito das personagens em uma tentativa de reconstruir suas identidades. A unificação do passado com o presente resulta em identidades móveis impossibilitadas de serem integradas.

4 Considerações finais

A configuração dos espaços, a partir da memória de Nael, indicou que o romance *Dois irmãos* constituiu-se sob a sensação da perda e da suspensão, pois os espaços não corresponderam à perspectiva da proteção ou da identificação. O exílio vivido por Nael e Yaqub reflete a discussão a respeito da identidade na contemporaneidade. Ao invés de uma identidade estável e única, esses personagens apresentam identidades conflituosas e rarefeitas, colocando em questionamento qualquer concepção essencialista ou estática de identidade.

Há também, como vimos, a necessidade de errância do personagem Halim que, ao ver sua casa desmoronar, sem possibilidades de integração entre os filhos, distancia-se da família e passa a buscar raízes nas lembranças da terra de origem e nas ruas e comércios da cidade de Manaus. A errância provocou a solidão e o desejo de reencontrar uma identidade perdida. O desejo de não pertencer a lugar algum confirma o trânsito pelas ruas de Manaus e o isolamento da família e da casa.

Maffesoli (2001, p.29) lembra-nos, ainda, que a errância expressa um comportamento anômico, “repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos”. Ou seja, a errância, para Halim, se constituiu como possibilidade de realização de si em um mundo caracterizado pelo sentimento trágico. Em *Dois irmãos*, o drama vivido por Halim e pelas demais personagens anômicas reflete a problemática do sujeito contemporâneo no processo de identificação com o espaço e com o outro, bem como evidencia a estrutura fragmentada assumida pelo romance

contemporâneo no que diz respeito à subjetividade da voz narrativa, à configuração do espaço e à organização temporal que, a partir da memória, subverte a linearidade do tempo.

Referências

- AUGÉ, M. *Não-lugares*: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria L. Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BORGES FILHO, O. *Espaço e literatura*: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*: conflitos multiculturais da globalização. Tradução Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2006.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*: arte do fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHIARELLI, S. *Vidas em trânsito*: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. São Paulo: Annablume, 2007.
- FANTINI, M. Milton Hatoum & Rosa: matizes, mesclas e outras misturas. In: CRISTO, M. da Luz P. de (Org.). *Arquitetura da memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/UNINORTE, 2007, p. 119-143.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 103-133.
- HATOUM, M. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LIMA, L. C. *Intervenções*. São Paulo: Edusp, 2002.
- LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo*: vagabundagens pós-modernas. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MERTON, R. K. Estrutura social e anomia. In: MERTON, R. K. *Sociologia: teoria e estrutura*. Tradução Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 203-234.

MERTON, R. K. Continuidades na teoria da estrutura social e da anomia. In: MERTON, R. K. *Sociologia: teoria e estrutura*. Tradução Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 235-270.

PARANHOS, A. L. S. Des(re)territorialização. In: BERND, Z. (Org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 147-166.

QUEIROZ, M. J. de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em 28/05/2018.

Aceito em 12/08/2018.